

Artigo

AO ENCONTRO DA ALMA DO MUNDO Uma Contribuição da Psicologia Sagrada à Educação Ambiental

Por
*Roseane Palavizini*¹

RESUMO

Este artigo parte do desafio ambiental do século XXI que busca uma convivência sustentável entre a humanidade e o Planeta Terra, propondo uma contribuição da Psicologia Analítica e da Psicologia Sagrada à Educação Ambiental, visando à formação de cidadãos éticos, respeitosos e conscientes de sua interdependência com a humanidade, com o sistema planetário, com a Biosfera e com o sistema universal. Os estudos desenvolvidos buscaram identificar as contribuições da Psicologia Sagrada para o avanço da educação ambiental no alcance do seu objetivo de formação de uma sociedade humana sustentável. As reflexões apresentadas ressaltaram contribuições da Psicologia Analítica para uma melhor compreensão da formação ambiental na psique humana, abordando temas como Sagrado, Alquimia e Religião na formação da consciência ambiental, identificando contribuições da Psicologia Sagrada para o aprimoramento dos processos formativos de Educação Ambiental.

Palavras-chave: Psicologia Analítica, Psicologia Sagrada, Educação Ambiental, Complexidade, Transdisciplinaridade.

ABSTRACT

This paper concerns the environmental challenge of the 21st century which seeks a sustainable coexistence of mankind with the Earth, suggesting a contribution from the Analytical Psychology and Sacred Psychology to the Environmental Education, aiming at the formation of ethical and respectful citizens who are aware of their interdependence with humanity, planetary system, Biosphere, and universal system. The developed studies aimed at identifying the contributions of Sacred Psychology for the advance of the environmental education reaching its goal of forming a sustainable human society. The studies herein highlighted the contributions of the Analytical Psychology for a better understanding of the environmental formation in the human psyche, approaching subjects as Sacred, Alchemy and Religion on the formation of the environmental conscience, identifying the contributions of Sacred Psychology in order to improve the formative processes of the Environmental Education.

Key-words: Analytical Psychology, Sacred Psychology, Environmental Education, Ethics, Environmental Citizenship.

2011

¹ Arquiteta Urbanista, Dra. em Engenharia Ambiental, Mestre em Urbanismo, Especialista em: Terapia Junguiana, Planejamento Territorial, Gestão Ambiental e Educação Ambiental.



INTRODUÇÃO

O tema - Ao Encontro da Alma do Mundo: Uma Contribuição da Psicologia Sagrada à Educação Ambiental tem o propósito de relacionar o tema ambiental, trabalhado pela autora desde 1993, para além dos limites das relações sociais e interpessoais, alcançando os desafios da dimensão psíquica. O artigo propõe uma profunda reflexão da questão ambiental a partir da Psicologia Analítica e da Psicologia Sagrada, buscando aprofundar a questão ambiental na dimensão da psique, identificando possíveis contribuições à melhor compreensão e atuação dos processos formativos de educação ambiental.

A questão ambiental no século XXI vem se consolidando como uma questão planetária, desafiando sociedades de diferentes nações. Muitas pesquisas e tecnologias caminham na direção da busca da tão desejada sustentabilidade, que parece ter alcançado os discursos e reflexões em diferentes dimensões do saber, científico, filosófico, artístico e popular, mantendo-se ainda como importante lacuna na dimensão da consciência e do comportamento humano.

Reconhecendo que a sustentabilidade do planeta está diretamente relacionada com a sustentabilidade das diferentes culturas e modos de vida da humanidade, a Educação Ambiental surgiu como forma de construir processos de sensibilização, reflexão ética, ampliação do conhecimento ambiental e atuação implicada e responsável das sociedades humanas.

Em abril de 1999 o Brasil publicou a sua Política Nacional de Educação Ambiental, definindo por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (Lei Federal 9.795/1999). Essa política atuou como um marco desafiador à formação do cidadão brasileiro, propondo a inclusão da educação ambiental, de maneira transversal, em todos os processos educacionais, sejam formais ou não formais.

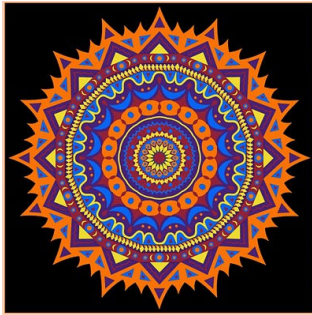
Enquanto as pesquisas buscam contribuir para uma melhor compreensão da questão ambiental local e planetária, as tecnologias visam auxiliar um viver sustentável da humanidade com os ecossistemas e a educação tenta construir uma cultura sustentável, com ênfase na consciência ética, na mudança de visão de mundo e na transformação de hábitos e modelos de desenvolvimento.

Com todo o esforço empenhado por pensadores, pesquisadores, técnicos, gestores, profissionais das diferentes áreas e lideranças religiosas, a questão ambiental permanece como grande desafio, um desafio que parece enraizar-se na mente humana, em sua episteme, em seu modo de ser e existir. São as sociedades humanas que rompem com a lógica ecológica e provocam a degradação. Enquanto os ecossistemas geram energia e consomem todo o resíduo gerado, as sociedades humanas consomem energia e geram resíduos para além da capacidade de absorção do ambiente, desequilibrando a homeostase e a resiliência da Biosfera.

O crescimento das populações humanas sobre o planeta Terra e suas complexas necessidades: energia, alimento, vestuário, transporte, moradia, lazer, entretenimento, cultura, produção industrial, exploração econômica das riquezas naturais, etc., vêm acelerando os problemas ambientais locais e globais, para além das mudanças ambientais previstas na evolução natural do Planeta e dos seus ecossistemas.

Diante desse cenário, torna-se premente a necessidade de encontrar caminhos que auxiliem a humanidade nessa reflexão ética sobre sua existência e sua identidade enquanto indivíduo, enquanto espécie humana e enquanto ser planetário. Essa pode ser a busca da humanização: o encontro com a identidade humana e sua missão única no Planeta Terra.

Enquanto a humanidade busca alternativas tecnológicas e educacionais para uma convivência sustentável com o Planeta Terra, será que a Psicologia pode contribuir com uma psique humana mais consciente da real necessidade de respeito aos limites da Biosfera? Algumas iniciativas podem ser observadas, a exemplo da Psicologia Ambiental e da Psicologia Sagrada. A primeira tem origem na necessidade da melhor compreensão das influências dos espaços/ ambientes/ territórios, na sociedade que nele habita, a exemplo dos efeitos psicológicos causados pelos impactos ambientais junto às comunidades impactadas. Já a Psicologia Sagrada, abordada neste artigo, busca melhor compreender a relação entre as pessoas e o ambiente que integram, a relação entre natureza & sociedade humana, a conexão entre consciente e inconsciente na convivência com o sistema planetário e universal.



A FORMAÇÃO DO CIDADÃO AMBIENTAL

A finalidade maior da Educação Ambiental é a formação do cidadão ambiental, assim como a finalidade maior da educação formal é a formação do cidadão de uma nação, a exemplo do cidadão brasileiro.

A cidadania política tem no sistema federativo o território onde o cidadão deve exercer sua soberania: o município (cidadão soteropolitano), o estado (cidadão baiano) e o país (cidadão brasileiro). Essa cidadania tem como estatuto jurídico o direito pessoal e coletivo. Já a cidadania ambiental tem na Biosfera e nos ecossistemas do planeta Terra o território objeto de sua soberania. Seu estatuto jurídico é o direito difuso, ou seja, aquele que trata dos bens comuns a todos, sem distinção, a exemplo do direito à qualidade de vida, à saúde, ao ambiente saudável.

A Educação Ambiental surgiu a partir do reconhecimento de uma deficiência na formação da sociedade humana, que vem gerando relações insustentáveis na convivência com os ecossistemas, a exemplo dos problemas ambientais apresentados a seguir: 1) diminuição da água potável, pela poluição dos mananciais; 2) diminuição da biodiversidade, pela degradação ambiental; 3) desequilíbrio dos ecossistemas, pela inclusão de espécies exóticas em ambientes inadequados a elas; 4) aumento do desmatamento e da desertificação dos solos, pelos modos produtivos insustentáveis; 5) degradação humana, aumento da pobreza e do sofrimento, pelos modelos de desenvolvimento excludentes e concentradores de riqueza.

Considerando o conceito de Ambiente como a emergência da relação entre sociedade & natureza (SILVA,1998), a consciência ambiental retrata a consciência da relação humana com os ecossistemas que ela integra, estendendo-se à Biosfera e ao Planeta Terra.

Considerando as múltiplas dimensões que compõem o ambiente, faz-se necessário uma teoria que auxilie a percepção e compreensão integrada do território e da vida nele

existente. Essa é a contribuição da teoria da complexidade (MORIN, 2001), que auxilia o reconhecimento das diferentes dimensões que interatuam em um determinado território.

A compreensão da questão ambiental como o resultado da relação entre a sociedade humana e a natureza, exige a percepção das interações entre a pessoa, enquanto unidade e o ambiente, com suas alterações recíprocas. Essa é a contribuição da teoria da Autopoiésis (MATURANA, 1980). Essa teoria concebe os sistemas vivos como sistemas cognitivos, que se emocionam e aprendem com suas relações, por meio da auto organização, da auto determinação e da auto criação. Como um sistema cognitivo que aprende e se emociona com suas relações e interações, a autopoiésis entende a psique humana a partir da biologia do conhecimento.

Para trabalhar a complexidade ambiental, em processos formativos de educação ambiental, faz-se necessária uma teoria que possibilite a abertura para a diversidade, o rigor na utilização de conceitos e métodos e a compreensão no diálogo com os diversos saberes, com a disposição para a construção de espaços de convivência pacíficos e respeitosos. A teoria da Transdisciplinaridade (NICOCESCU, 1999) propõe concepções e atitudes que incluam os diferentes saberes: filosófico, tradicional, religioso, entre outros, além do saber científico, disciplinar, na convivência das sociedades humanas.

Com todos os recursos pedagógicos de percepção complexa da relação entre sociedade e ambiente, e de intercâmbio entre saberes e culturas, a formação do cidadão ambiental exige da educação ambiental uma abordagem que inclua a complexidade do psiquismo, na perspectiva da ampliação da consciência ambiental do cidadão. Esse é o campo em que se insere a pesquisa apresentada neste Artigo. A psicologia analítica, com seus avanços na dinâmica psíquica humana, pode contribuir para a compreensão dos conflitos emergentes da relação sociedade & ambiente? Poderá ainda apontar perspectivas para a ampliação da consciência ambiental?

Três áreas do conhecimento da psicologia analítica foram destacadas para auxiliar a reflexão da questão ambiental: o fenômeno do Sagrado, as contribuições da Alquimia e a Religião como função psíquica. Como ponto de convergência desses estudos, destaca-se aqui as contribuições da Psicologia Sagrada à Educação Ambiental.



UM OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA SOBRE TERAPIA, ALQUIMIA E RELIGIÃO

A compreensão do desenvolvimento do processo terapêutico e sua relação com o desenvolvimento da personalidade do paciente constituem um importante desafio para o analista. A relação permanente entre a arquitetura única da psique em terapia e os caminhos do processo terapêutico, assumindo o compromisso de auxiliar essa psique na descoberta da singularidade da sua alma, conforma uma equação desafiadora. Para Jung essa equação, denominada dinâmica alquímica, só atua com suas transformações mútuas, quando se dá o verdadeiro encontro de almas.

Para além da compreensão do funcionamento do psiquismo, em seus aspectos singulares, conhecendo a história de vida do paciente e seus múltiplos significados, codificados em suas impressões digitais psíquicas, alguns aspectos dessa complexa dinâmica ganham especial tonalidade. Na psicologia analítica a função transcendente apresenta um grande desafio para a personalidade, ao tempo em que determina a essencial missão do processo terapêutico. Auxiliar o indivíduo a desenvolver o diálogo Ego&Self, reconhecendo a dinâmica de comunicação simbólica entre inconsciente e consciente, abre a perspectiva de sua auto compreensão e do início de sua jornada rumo à individuação.

Esse aspecto sutil e sensível que relaciona Alquimia e Religião no desenvolvimento da alma humana, compreendido a partir da Psicologia Analítica e seus conceitos estruturantes da arquitetura psíquica proposta por Jung, tem como propósito maior exercitar uma reflexão contributiva aos processos terapêuticos.

Quando duas almas se encontram no ato terapêutico, a alquimia se apresenta e a religião surge como uma emergência, buscando conectar os elos perdidos entre os inconscientes e as consciências relacionadas, visando mútuas transformações. Entre as complexas e profundas redes da arquitetura psíquica, a função transcendente anuncia os *poderes invisíveis da alma* (JUNG, 2007 – P.289), lançando sobre o processo terapêutico o seu sentido e significado, sem os quais jamais poderia existir.

ALQUIMIA E TERAPIA NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

A terapia analítica é um processo de transformação humana através do diálogo entre o consciente e o inconsciente, na perspectiva da realização da alma e do diálogo Ego&Self. Para Jung a terapia se dá na relação entre o terapeuta e o paciente, onde o terapeuta atua com a sua personalidade, auxiliando seu paciente a entrar em contato com seu inconsciente, buscando trazer para a consciência as razões e o significado de suas experiências, de seus sentimentos, de sua forma de ver o mundo e de viver no mundo.

Na terapia analítica, o terapeuta deve buscar levar seu paciente às profundezas do seu inconsciente (ao *Hades*), com segurança, auxiliando esse mergulho, assim como o seu emergir, significando suas descobertas, assimilando-as, integrando-as e realizando assim suas transformações necessárias para a sua realização em direção a sua individuação.

Para Jung a terapia é uma jornada alquímica, onde paciente e terapeuta, atuando juntos e relacionando seus conscientes e inconscientes, processam transformações mútuas e se desenvolvam em direção ao seu Self. Essa relação é dinâmica, assim como a Alquimia.

A alquimia é um processo de experimentação e transformação da matéria, através de operações químicas, passando por fases com diferentes qualidades energéticas. A alquimia nasceu a partir das experiências Egípcias, que traziam o domínio das técnicas de transformação dos metais, com os elementos da natureza; e da reflexão Grega, que trazia a filosofia sobre esses processos, criando relações com a vida humana. A alquimia teve origem com o impulso humano em querer melhor compreender e manusear os elementos da natureza e a vida.

Na eterna busca de transformar outros metais em ouro, os alquimistas viveram as profundezas de suas buscas, convivendo com o desconhecido, com as dúvidas, as incertezas e as descobertas. Enquanto os Egípcios desenvolveram uma atividade introvertida e solitária, os Gregos desenvolveram a filosofia, o lado extrovertido da alquimia. Desse encontro entre a técnica (experiência) e a filosofia (compreensão), resultou a alquimia, trazendo a qualidade de transformação potencial em diferentes níveis: na matéria, nas emoções, no pensamento e na intuição.

A relação entre a terapia analítica e a alquimia pode ser constatada de diferentes maneiras, a começar pelo potencial processo transformador, ao qual, ambas se destinam. As

operações alquímicas também podem ser observadas e praticadas no processo terapêutico: a **Calcination**, que prevê a queima da matéria (*elemento fogo*), pode ser utilizada na terapia na busca de desinflação do ego, para o aumento da libido do paciente, trazendo mais energia para lidar com a vida. A **Solutio**, que prevê a dissolução da matéria (*elemento água*), pode ser utilizada nos processos em que o paciente necessita de agregar emoções, chorar, diluir seus sentimentos. A **Coagulatio**, que prevê a coagulação da matéria (*elemento terra*), pode contribuir com os processos de materialização e aterramento, trazendo o paciente para o mundo prático, da realização da vida. A **Sublimatio**, que está relacionada à sublimação na matéria (*elemento ar*), pode ajudar ao terapeuta a levar o paciente a enxergar a sua vida e os seus problemas com o distanciamento necessário a uma compreensão mais integrada do todo.

Além dessas quatro operações, outras três se apresentam como oportunidades ao processo terapêutico. A **Mortificatio** é fundamental ao processo terapêutico, quando possibilita ao paciente a experiência de morte, em vida, ou seja, a morte de processos e dores, abrindo espaço para um momento novo de compreensão. A **Separatio** favorece a discriminação e melhor compreensão das experiências e dos seus significados, distinguindo os aspectos que são do paciente, dos aspectos da cultura, ou dos aspectos do outro, em suas relações. Por fim, a **Coniunctio** revela a força alquímica da união, do casamento, do encontro, da relação entre as pessoas, com suas subjetividades, e destas com as diferentes dimensões de sua própria vida e da sua própria alma. A vida como a arte dos encontros, revela a *Coniunction* como um grande aprendizado da humanidade, a forma mais intensa do desenvolvimento psíquico e da realização da alma.

Outro aspecto pode ainda ser observado na relação entre alquimia e terapia analítica. As fases da alquimia podem auxiliar a compreensão das fases da psicoterapia. A **Nigredo** pode ser relacionada com a fase sombria, na qual o paciente encontra-se em contato com a sombra, ou em processo de descida ao Hades, processando as mortes necessárias ao seu desenvolvimento. A **Albedo** anuncia a chegada da consciência no processo terapêutico, quando algumas questões se iluminam, emergindo do inconsciente para a consciência. A **Rubedo** trás a energia necessária para dar movimento à energia psíquica, movimentando-a no escoamento dos complexos, para a realização de novas alquimias, de novos *coniunctios*, ativando o diálogo permanente entre consciente e inconsciente, entre Ego&Self.

A relação entre terapia e alquimia vem ressaltar a oportunidade do terapeuta atuar como um alquimista de alma, acompanhando o desenvolvimento do seu paciente e auxiliando-o no seu processo de individuação, de realização plena da sua alma. Para Jung, a **Meditatio** dos

alquimistas pode ser compreendida como o diálogo interior, com o inconsciente, alcançando o diálogo Ego&Self, buscado nos processos terapêuticos. A *Imaginatio* dos alquimistas faz referência ao ato de imaginar e transformar a partir da imaginação. O diálogo com a voz interior e com o poder transformador da imaginação converge para o encontro com o aspecto divino dentro de cada um – a função transcendente. (JUNG, 2007. P.286)

Enquanto a prima matéria alquímica é constituída dos elementos da natureza, na terapia a prima matéria é a psique, com toda sua complexidade. Enquanto a alquimia busca a Pedra Filosofal – o ouro mais puro, a substância mais preciosa, o processo terapêutico analítico busca o humano em sua inteireza, pleno, em permanente diálogo entre consciente e inconsciente, integrando os aspectos luminosos e sombrios da sua personalidade, conectado e comprometido com a realização da sua própria alma.

Jung relata em seu livro AION a compreensão dos Alquimistas do “centrum” como o si-mesmo, por ele denominado, que não está na consciência do eu, e sim “em nós”, não, porém, em “in mente nostra”, e sim naquilo que somos e ainda não conhecemos e que precisamos conhecer. Para Jung esse “centrum” está no inconsciente, entre o inconsciente pessoal, o qual acessamos a partir do conhecimento da própria sombra, e o inconsciente impessoal, também reconhecido como o arquétipo do si-mesmo (JUNG, 2000, pg.160).

O processo de individuação é, portanto, entendido por Jung a partir da idéia da pedra alquímica “lápiz”, como a união dos contrários com o propósito de se tornar uno. Jung explica que a unidade da pedra corresponde à unificação do humano, uma projeção do si-mesmo unificado, ao processo de individuação, uma unidade transcendente (JUNG, 2000, pg.161).

Olhando a sociedade humana e a idéia de psique coletiva, Jung ressalta o problema da dissociação entre consciente e inconsciente e a perda do conhecimento tradicional e dos mitos da humanidade, especialmente entre as sociedades materialistas, racionalistas. Essa perda para Jung poderia gerar o retrocesso da cultura espiritual, constituindo um intervalo de barbárie. Para o psiquismo, esse desenraizamento e ruptura com a tradição, podem deflagrar a neurotização das massas, levando a humanidade para uma histeria coletiva (JUNG, 2000, pg.171).

A ruptura observada por Jung parece descrever a questão ambiental profunda que se constitui no psiquismo das sociedades humanas, em especial a sociedade ocidental, fortalecendo-se naquelas sociedades materialistas, racionalistas. A perda do conhecimento

tradicional, transcendente, com seus mitos e significados éticos, somada à dissociação entre consciente e inconsciente, constituem a fórmula da neurotização ambiental da psique humana, da perda do reconhecimento da unidade planetária e da interdependência da vida.

Esse desligamento é o objeto principal de atuação da função transcendente e do fenômeno do sagrado no psiquismo. A ressacralização da psique humana constitui a religação do elo entre consciente e inconsciente; mental e espiritual; ancestral e atual; sagrado e profano; ego e Self. A ligação das dualidades e polaridades não exige, necessariamente, a anulação das partes, para a conquista do todo, ou seja, a anulação do ego, para a superação do Self. A ligação exige o reconhecimento consciente das partes, para uma atuação integrada e integradora das polaridades, onde ego e Self permanecem existindo, para que o diálogo se faça presente e o individual, singular, possa afirmar-se na sábia convivência com o integral, global.

RELIGIÃO E PSICOLOGIA ANALÍTICA

O termo religião vem da idéia de *religação* de algo que foi desligado. Essa religação se refere à relação entre o humano e o transcendente, entre o humano e suas relações imanentes, o humano e sua consciência de interdependência e inter existência.

A religião assumiu diferentes dimensões, distinguindo-se em seus dogmas, crenças e na maneira de vivenciar essa experiência de religação. A religião, seja ou não institucionalizada, funciona para o psiquismo humano como uma função estruturante, regulando a existência, na condição humana.

Para Jung, religião é a experiência do *numinoso*, transformando a consciência. Quando Jung diz que “ele sabe Deus”, ele está se referindo a sua forma de conceber Deus e percebê-lo atuando em sua vida, assim como atuam outros fenômenos e leis da natureza. Para Jung a relação entre a religião e a experiência do *numinoso* é direta. A experiência do *numinoso*, ou a experiência mística se integram à psique, como uma constatação do transcendente, como um conforto da existência para além dos limites da matéria, como um presente que é dado a alma, para que ela saiba de sua infinitude e da não solitude. Quando existe a experiência do *numinoso*, a religião, que para Jung funciona como um instinto, ganha consciência e liberta a alma para toda a potencialidade de sua realização.

Na psicologia analítica a religião tem uma função psíquica, devendo ser, profundamente considerada na terapia. Não a religião institucional em si, mas a forma de religião existente

em cada um, em especial, a forma como a função religiosa atua em cada psiquismo. A terapia deve auxiliar o paciente a compreender o funcionamento religioso da sua psique, buscando encontrar a sua religião pessoal, a sua forma única de transcendência, a sua forma própria de realizar sua conexão Ego&Self, reconhecendo seus aspectos luminosos e sombrios, integrando-os em sua personalidade. Esse caminho deverá guiar cada psiquismo ao encontro da sua forma própria de crença e visão de mundo.

Jung alerta para o cuidado que se deve ter quando a religião é vivenciada como fator de alienação, quando o paciente busca fora dele a solução para seus problemas, assim como, projeta fora dele o ideal de perfeição e a idéia de demonização. Para a psicologia analítica, a religião deve ser considerada como um fator de profundo conhecimento do si mesmo, de busca do encontro com a própria essência, com o Self. Ainda que a religião seja vivida coletivamente, mas a experiência religiosa deve ser vivenciada individualmente, como uma conexão pessoal, em direção à jornada da individuação.

Na psicologia analítica, a religião como função psíquica deve favorecer ao encontro da pessoa com a sua própria alma, ao diálogo meditativo, que permita o silêncio para ouvir a voz interior, ou a voz de “*Deus*” dentro de cada um. A partir dessa escuta, esse “*Deus*” pode ser então projetado para fora, na expressão singular de cada alma, com suas experiências, visões de mundo e condições de existência.

A função religiosa na terapia analítica deve ser, portanto, trabalhada e valorizada como a religião Ego&Self, consciente&inconsciente, exercendo a função transcendente. Deve-se evitar a religião vivenciada como elemento exterior à psique, distanciando o conhecimento e a sabedoria, da prática e da experiência da pessoa. A vida religiosa deve estar refletida na psique, na forma de perceber, refletir, compreender e exercer a vida, contribuindo assim para o processo de individuação, de expressão plena da alma humana.

A função religiosa pode ser observada na atitude psíquica religiosa, ou seja, na dinâmica psíquica de conexão e compromisso com o desígnio da personalidade, com o mito pessoal, com a religião pessoal, com o processo de individuação. Nesse caso, a religião pessoal favorece uma escuta atenta do inconsciente e um diálogo sábio com o Self, revelando-se em consciência, compreensão e sabedoria de vida. A religião pessoal auxilia a autoconfiança, favorecendo a vida sincrônica, conseqüente e consciente. A religião como função psíquica atua como um “afinador de almas”, sintonizando as almas na sinfonia universal. Nesse momento a experiência *numinosa* é vivenciada. O uno é vivenciado como referencial ético de existência, no diálogo com a identidade singular de cada humano.



A PSICOLOGIA SAGRADA

O FENÔMENO DO SAGRADO

O fenômeno do sagrado é parte integrante das tradições espirituais e teorias científicas que o expressam de diferentes maneiras. Neste artigo estão apresentadas diferentes abordagens e expressões do sagrado, buscando identificar padrões de ligação entre essas diferentes formas de reconhecimento e compreensão desse fenômeno, por cientistas de distintas áreas do conhecimento.

A cultura do sagrado é parte da história do Brasil e do mundo, de civilizações humanas que cultuavam o sagrado em sua relação com a natureza, mantendo um profundo conhecimento sobre essa natureza, revelando um diálogo precioso entre o espírito humano e todos os demais seres dos diferentes reinos e em suas diferentes formas.

Os povos que formaram a nação Brasileira formaram também a identidade complexa dessa nação, que vem se transformando e renovando, buscando afirmar essa identidade múltipla, em sua ancestralidade e no sentido de sua existência: as nações Tupi e Guarani e as etnias africanas, que trouxeram seus cultos e sua forma de existência no mundo; e os europeus, com sua antiga história marcada por uma cultura e religiosidade instituída, escrita e concebida. (PALAVIZINI, 2005)

A partir desse contexto histórico e civilizatório, a nação brasileira chega ao século XXI, como um país que se vê diante de grande diversidade de questões sociais, econômicas, políticas, ambientais e, acima de tudo, éticas. Essa sociedade parece distanciada do elo sacralizador em suas relações, vivenciando as mazelas de uma forma profana de relação com a natureza e com a própria humanidade. Essa perda do sagrado de um povo pode levá-lo à perda do sentido de sua existência, do significado de suas ações e do seu projeto de futuro.

Esse conflito étnico na formação do *povo brasileiro*, essa construção inconsciente de sua identidade, vem repercutindo em uma crise ética e de identidade.

O fenômeno do sagrado está aqui apresentado a partir de diferentes autores, conhecendo as múltiplas percepções e concepções desse fenômeno. Ressaltam-se a seguir as contribuições de *Gregory Bateson, Edgar Morin, Basarab Nicolescu, Mircea Eliade, Karen Armstrong, Jürgen Habermas e Jung*, como marcos de referência científicos que vão auxiliar a construir uma idéia de sagrado para ser incorporada como elemento estruturante na construção de relações sustentáveis entre a sociedade humana e a natureza.

A palavra “sagrado” vem do latim *Sacer*, que significa *aquilo que não pode ser tocado sem sujar, mas também sem ser sujado* (ELIADE, 2001). O sagrado manifesta-se como um fenômeno que transcende às realidades “naturais” e humanas, que se identifica pela contraposição com o profano, o violado. O sagrado trás em si o mistério e a esperança, de uma essência intocada, que está presente na relação entre o humano e o mundo, que por estar protegida, está plena de todas as possibilidades. (PALAVIZINI, 2005)

Gregory Bateson identifica o sagrado como “aquilo que liga”, assim, estudar a sacralidade de um fenômeno requer o estudo de suas relações, buscando identificar padrões de afinidade, de semelhança, que ao tempo em que identifica cada relação como única, reconhece a sua unidade, a sua conexão, a sua essência presente em todas as relações, identificando o padrão que as liga, onde transita o sagrado. O sagrado afirma-se então, como a experiência de uma realidade e a origem da consciência de existir no mundo. (PALAVIZINI, 2005)

Edgar Morin também ressalta a *relação* como essência do sagrado, na teoria da complexidade. Traduzindo o complexo como *aquilo que é tecido junto*, Morin apresenta o desafio de compreender a complexidade da realidade, reconhecendo que é necessário compreender as suas múltiplas relações e interações. (PALAVIZINI, 2005)

Basarab Nicolescu se refere ao sagrado como o espaço de unidades entre o tempo e o não tempo, o causal e o acausal, o lugar do encontro entre o movimento ascendente e descendente de informações e da consciência, atravessando os diferentes níveis de realidade e de percepção. Para Nicolescu o sagrado é transreligioso e transcultural, é transcendente e transdisciplinar. Ele atravessa o tempo e o espaço, criando uma comunicação contínua, um diálogo permanente e sem resistência entre a pessoa e o mundo. Nesse caso também, o fenômeno do sagrado é visto como aquilo que liga a pessoa às diferentes dimensões de percepção e de realidade, permitindo que ela transite nessas diferentes dimensões, dialogando, com abertura, rigor e compreensão. (PALAVIZINI, 2005)

Nicolescu apresenta o prefixo trans como *aquilo que atravessa, que vai além*. A transdisciplinaridade, para além da disciplinaridade, transita nos universos disciplinares, reconhecendo-os em sua importância de saber especialista e estabelecendo um campo de diálogo, intercâmbio e construção comum entre esses universos, ampliando essas relações na inclusão de outros saberes, além do saber científico. É nesse aspecto que a transdisciplinaridade abre a perspectiva para a expressão do fenômeno do sagrado. A interação respeitosa e verdadeiramente inclusiva da diversidade de saberes e percepções abre um campo fértil para a manifestação do sagrado. (PALAVIZINI, 2005)

Mircea Eliade apresenta o conceito de Hierofania como *o ato de manifestação do sagrado*. O autor destaca a visão sagrada de seres humanos que percebem a manifestação do sagrado em pedras, árvores e animais. A relação que esses humanos estabelecem com diferentes formas da natureza, é resultado do reconhecimento do sagrado que é revelado através dessas unidades. O reconhecimento desse sagrado na natureza revela uma forma de ver a realidade e de se relacionar com ela. Eliade apresenta ainda dois modos de ser no mundo, a experiência sagrada e profana de existência. A forma sagrada de existir é consagradora, torna sagrado o mundo e tudo que nele existe. Nesse contexto o sagrado também aparece como uma forma de existir, ou de se relacionar no mundo e com o mundo. Para Eliade a Terra e o Cosmo manifestam o sagrado na nutrição, nos ritmos, nos ciclos, na ordem, na harmonia, na permanência e na fecundidade, definindo-se como um organismo real, vivo e sagrado. A conexão da Terra com o Cosmo funda o Axis Mundi, lugar de recriação do mundo, o lugar do sagrado. Nesse contexto, Eliade inaugura uma visão fundamental para o fenômeno do sagrado: o reconhecimento da sacralidade na relação humana com a natureza e com o mundo não material, espiritual. (PALAVIZINI, 2005)

Karen Armstrong constrói sua visão do sagrado a partir do mito, em suas diferentes significações nas sociedades humanas. Para a autora a função do mito é relacionar o humano com o mundo espiritual, subjetivo, permitindo o exercício de sua transcendência. A transcendência é simbolizada pelo Céu e a aspiração de transcendência é vista como parte essencial da condição humana. A autora mostra que o mito e suas práticas rituais, de forma igualitária, ajudam a transmitir o *Senso do Sagrado*. Assim, essa relação entre o ser humano e o mundo não material, noosférico, é mediado pelo mito e pelos ritos, que oferecem a esse humano a experiência de transcendência, agregando significado à sua existência e percebendo o sentido de sagrado. Nessa construção, o sagrado também é visto como parte integrante de uma relação entre o ser humano e o mundo transcendente – o Céu, onde o mito e o rito atuam. Armstrong propõe o Mito e o Rito como os fluxos dessa conexão

Céu/Terra, assim como Eliade define os mitos como mensageiros do sagrado, na relação com o Ser. (PALAVIZINI, 2005)

Jürgen Habermas, em sua Teoria da Ação Comunicativa, afirma que o ser humano tem o privilégio de conceber o mundo ideal e de compara-lo ao mundo real, que é aquele apreendido com a experiência. Nesse sentido, o autor afirma que esse mundo ideal está presente dentro da sociedade que vive o mundo real e se expressa sob forma de acordos idealizados. Assim, a sociedade ideal é parte integrante da sociedade real, agregando estabilidade a sua identidade coletiva, por meio de uma imagem idealizada dessa sociedade. Esse acordo idealizado, que apresenta o consenso normativo definido por uma comunidade, está além do mundo real e da sociedade real, transcendendo às alterações espaço-temporais. Essa transcendência do real ao ideal é resultado de um acordo idealizado entre uma comunidade. É nesse ideal transcendente que se encontra o sagrado. É no acordo idealizado que se encontra a idéia de verdade de uma sociedade. Para Habermas, o sagrado e o ideal partilham de um mesmo conceito base da construção da identidade de uma sociedade, ligando a comunidade por um acordo consensuado, consciente, responsável e solidário, para a construção do ideal acordado, no real vivenciado. (PALAVIZINI, 2005)

A idéia de sagrado para Jung é abordada a partir da psicologia do *homo religiosus*, compreendendo o sentido de religare, da religação do que foi separado: consicente e inconsciente, ego e Self, humanidade e cosmo, matéria e espírito. Essa visão de religião é para Jung uma função psíquica.

Como sou médico e especialista em doenças nervosas e mentais, não tomo como ponto de partida qualquer credo religioso, mas sim a psicologia do *homo religiosus*, do homem que considera e observa cuidadosamente certos fatores que agem sobre ele e sobre seu estado geral (JUNG, 2008, pg. 11).

Jung aborda ainda a idéia simbólica de Deus, com alto grau de qualidade do numinoso, revelando a experiência religiosa.

Incorreria em erro lamentável quem considerasse minhas observações como uma espécie de demonstração da existência de Deus. Elas demonstram somente a existência de uma imagem arquetípica de Deus, e na minha opinião, isso é tudo que se pode dizer, psicologicamente, a respeito de Deus. Mas como se trata de um arquétipo que aparece com grande significado e poderosa influência, seu aparecimento, relativamente frequente, parece-me um dado digno de nota para a Theologia naturalis (JUNG, 2008, pg.64).

Como uma teia tecida com diferentes fios, cores e tons, o sagrado vem sendo incluído nas pesquisas e teorias de autores, das diversas áreas do conhecimento, na busca de reencontrar elos perdidos na relação entre o ser humano e a natureza. Essa busca vem permeada de uma profunda reflexão ética, de valores, de sentido e significado da existência humana, enquanto espécie e enquanto sistema Planetário e Cósmico.

Essa reflexão sobre a complexidade humana e suas relações interpessoais, psicológicas e ambientais, funda um permanente *Axis Mundi*, em uma perspectiva de recriação consciente de cada comunidade, de cada sociedade, de cada nação e da humanidade. Essa recriação é expressa nas relações humanas e, principalmente, nos caminhos da educação, na formação do cidadão. Aqui reencontra-se o sentido da poesia, da filosofia, da arte e da transcendência. Abre-se as mentes e os corações para uma percepção complexa do mundo, para um olhar sensível e inclusivo, para um diálogo pacífico e construtivo, para uma atitude corajosa e humilde de aprender com os diversos saberes e percepções das diversas culturas, em seus contextos psicológicos, sociais e ambientais.

A PSICOLOGIA SAGRADA

A Psicologia Sagrada é apresentada por Raissa Cavalcanti a partir da Psicologia Analítica, utilizando os conceitos propostos por Jung sobre inconsciente pessoal e coletivo, ego, sombra, persona, complexo e arquétipo, Self individual e Self universal, ressaltando o objetivo maior da Psicologia Analítica como sendo o de levar o indivíduo a estabelecer o diálogo entre o ego e o Self, construindo seu processo de individuação.

A idéia de sagrado é apresentada por Cavalcanti, a partir do conceito de Rudolf Otto que descreve a essência do sagrado como uma forma de experiência interna, incomum, única e individual, mas que pode ser compartilhada. A manifestação do sagrado é vista por Otto como uma qualidade diferente da realidade cotidiana e da experiência natural, embora se revele através das coisas humanas e da natureza. Essas experiências sagradas possuem caráter *numinoso* (do latim *numen* é Deus), ou seja, revelam algum aspecto do divino. Ainda citando Otto, a autora aborda o sagrado como uma experiência que altera o modo de percepção e acrescenta um significado transcendente, transformando a vida do humano. Assim como Mircea Eliade define o sagrado em oposição ao profano, Otto ressalta que, embora o sagrado seja qualitativamente diferente do profano, pode se manifestar em qualquer lugar e de qualquer modo no mundo profano e pode transformar qualquer objeto cósmico em paradoxo, por meio da hierofania (CAVALCANTI, 2004, pg.162 e 163).

Abordando o sagrado como fenômeno de religação da psique, a autora ressalta a visão de Jung sobre a conexão ego e Self, responsável pela religação do humano à sua função espiritual e auxiliando-o em seu compromisso com a busca do desenvolvimento espiritual. O humano é então destacado como o elo de ligação entre o macrocosmo e o microcosmo (CAVALCANTI, 2005, pg.151).

Essa centroversão da identificação psíquica do ego para o Self, proposta por Jung, faz com que o Self assuma a posição do centro orientador da personalidade, atuando como referência ética. Na concepção Junguiana, o Self é reconhecido como o princípio numinoso, transcendente, imutável e onipresente. Citando Jung, a autora destaca o Self como o arquétipo do humano eterno, a imagem de Deus projetada nas profundezas da alma (CAVALCANTI, 2005, pg.154).

O objetivo da Psicologia Sagrada é descrito por Cavalcanti na perspectiva da resolução da dissociação entre ego e Self e para o despertar da conexão espiritual e sagrada da unidade da vida. A meta do trabalho terapêutico é ter o ego a serviço do Self, é curar a ferida da separação e promover a religação com o aspecto sagrado da vida (CAVALCANTI, 2005, pg.197).

A Psicologia Sagrada, assim como a Analítica, reconhecem os mitos como patrimônio sagrado da humanidade, importantes vias de comunicação entre tempos e mundos, testemunhas da existência humana transcendente, apreendida pela sensibilidade intuitiva. A mitologia, como a linguagem por meio da qual a alma se expressa em todos os tempos e lugares, representa uma importante abordagem da Psicologia Sagrada. Viver o mito, seus arquétipos e símbolos, representa para a Psicologia Sagrada a tentativa de promover a mudança e ampliação do nível de consciência e a cura da dissociação entre o mundo humano e o mundo divino (CAVALCANTI, 2005, pg.200).

Entre as técnicas utilizadas pela Psicologia Sagrada, está a vivência de símbolos sagrados, em grupo ou individualmente, por meio de visualizações, mentalizações e imaginação ativa. Essa simboloterapia busca levar o humano a um desenvolvimento integrado com a vida espiritual, a harmonia, a integridade e o poder criativo (CAVALCANTI, 2005, pg.201).

A autora ressalta que por meio de vivências simbólicas o indivíduo vive a experiência do sagrado, como uma dimensão da consciência que habita o intervalo entre o mundo real e simbólico e o mundo físico e espiritual. A manifestação do sagrado aparece sempre como um templo interno de beleza, paz e harmonia (CAVALCANTI, 2004, pg.177).

Os fundamentos da Psicologia Sagrada são sistematizados pela autora a partir da obra de Jean Houston, principal representante da abordagem nos Estados Unidos, que propõe seis características para o reconhecimento da experiência sagrada:

- 1 – Indescritibilidade - pois a experiência, que se distingue totalmente do cotidiano e do ordinário, não pode ser verbalmente descrita com facilidade;
- 2 – Introversão profunda – aumento instantâneo da compreensão sobre um determinado assunto;
- 3 – Alteração da percepção do espaço e do tempo;
- 4 – Sentimento de totalidade: percepção da unidade, interligação e sentido de todas as coisas;
- 5 – Sentimento de amor por si mesmo, pelo outro e pela vida;
- 6 – Sentimento interior de paz e harmonia.

A autora relata o conceito de Psicologia Sagrada de Houston, onde a Psicologia Sagrada é definida como uma prática e um modo de perceber e de vivenciar a realidade, tendo na experiência sua principal forma de internalização. (CAVALCANTI, 2005, pg.197)

As contribuições de Houston à Psicologia Sagrada seguem apresentadas pela autora, a partir da pesquisa de Houston sobre a “conexão cósmica”, de onde emergem alguns métodos clínicos que fortalecem o caráter objetivo da abordagem.

Método 1 – Mapa da Experiência Humana

- 1 – Este sou eu: o domínio do histórico e do factual (relativo à Persona e à Sombra);
- 2 – Nós somos: o domínio do mítico e do simbólico (relativo ao Inconsciente Coletivo);
- 3 – Eu sou: o domínio do nível unificador ou da origem do ser (relativo ao Self).

Houston propôs ainda uma cartografia da psique, destacando quatro níveis:

Nível Sensorial – unidade da experiência corporal e psíquica, que tem como objetivo integrar a psique e o soma;

Nível Evocativo-Analítico – lugar das memórias pessoais e coletivas, dos pensamentos-imagens;

Nível Simbólico – espaço mitopoético, onde a vida adquire significado mítico e espiritual;

Nível Integral – descida subjetiva ao encontro do Self.

A finalidade da Psicologia Sagrada é apresentada por Cavalcanti como a conexão da vida humana com as imagens arquetípicas e os símbolos sagrados, permitindo que estes penetrem no mundo moderno, renovando a vida cotidiana e conferindo maior significado à vida pessoal. Suas técnicas buscam promover oportunidades de vivências profundas do inconsciente, que podem ser chamados de sagrados, com a finalidade principal de religação com o Self. A autora utiliza o termo “inconsciente sagrado”, cunhado pelo filósofo e historiador das religiões Huston Smith, para designar a essência da consciência humana e a base da verdadeira individualidade, correspondente ao nível integral, de Jean Houston (CAVALCANTI, 2005, pg. 207).

A terapia ou psicoterapia sagrada aborda uma perspectiva de reencontro com o aspecto divino do Self, criando assim a oportunidade para a cura da ferida da separação e da alienação. O trabalho da psicoterapia busca construir o caminho que leva o indivíduo a reestabelecer o contato com a essência do Ser sagrado. Essa essência é para Cavalcanti a verdadeira fonte interna de felicidade, bem-estar, alegria, paz e tranquilidade (CAVALCANTI, 2004, pg.180).

O objetivo da psicoterapia sagrada é o humano guiado pelo Self, auto-realizado, com visão do sagrado e responsável pelo próprio desenvolvimento espiritual. Nessa perspectiva o humano pode viver no mundo profano sem se deixar profanar, sendo capaz de manter-se em consciência com o Self, que implica na relação ética consigo mesmo e com o outro (CAVALCANTI, 2004, pg.174).

O trabalho da Psicologia Sagrada é levar o humano ao reconhecimento da dimensão transcendente e sagrada em si mesmo, à integração da função transcendente e à sintonia no diálogo entre o ego e o Self. Todo seu desenvolvimento deve levar o indivíduo ao contato com o mistério, o *sacrum*, o oculto, o lugar que transcende aos sentidos e ao mundo analítico, alcançando o universo simbólico, onde os elementos sagrados que atuam na dimensão psíquica podem lançar a esperança da cura do ser dividido, para o despertar do ser integral.



CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA SAGRADA À EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Reconhecendo que o desequilíbrio ambiental no Planeta Terra é resultado da ação insustentável das sociedades humanas e que o ambiente emerge da expressão da psique da humanidade, pode-se inferir que essa insustentabilidade e esse desequilíbrio, antes de ser projetado no Planeta, estão na estrutura psíquica dos indivíduos e da coletividade.

Essa atuação inconsciente da espécie humana na convivência com os ecossistemas e com os elementos formadores da biosfera: terra, água, ar e energia, vem gerando um processo destrutivo e patológico de todo o sistema, inclusive da humanidade. Rüdiger Dahlke cita os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) que revelam o avanço das doenças da civilização, como as cardiovasculares, reumáticas, o câncer, o diabetes, a esclerose múltipla, as alergias, o Alzheimer, a depressão, entre outras. Muitas dessas doenças são reconhecidas como auto-imunes, quando o organismo deflagra um processo de auto destruição.

Constata-se a pertinência físico-química entre o planeta Terra e todos os seres, inclusive a humanidade, a partir do reconhecimento da constituição molecular semelhante em todo o sistema planetário. O reconhecimento da pertinência na dimensão coletiva, não material, é objeto da pesquisa de muitos autores. A idéia de Noosfera, como a dimensão coletiva das idéias de toda a humanidade, foi proposta por Edgar Morin, na sua obra “O Método”. Jung cunhou a concepção de Inconsciente Coletivo e agregou uma nova perspectiva à psicologia. James Hillman, utilizando-se da idéia sagrada da *Anima Mund*, resignificou esse conceito para o universo psíquico, alertando as sociedades humanas para a importância de “escutar a confissão da *Anima Mundi* nos discursos das coisas” (HILLMAN, 2010, pg.49). Hillman, referindo-se ao sistema auto-organizativo da Biosfera, mencionou que os fenômenos não precisam ser salvos por graça, fé ou qualquer teoria que a tudo abarque, ou pela objetividade científica ou pela subjetividade transcendente. Para Hillman os fenômenos são salvos pela *Anima Mundi*. Percebe-se aqui a idéia de uma ordem imaterial que relaciona a humanidade e o Planeta, em um sistema interdependente.

O desafio da humanidade para o alcance da consciência ambiental integral parece estar na transição da consciência do eu, para a consciência do nós, como preconiza Dahlke. Essa também é a perspectiva do segundo nível do Mapa da Experiência Humana, de Houston – “o nós somos”. Assim também Morin evoca a humanidade a aceder à consciência genérica e geral da humanidade, recriando o “como saber ver, saber pensar, saber pensar seu pensamento, saber agir”, não apenas para si, mas para a luta simultânea contra a morte da espécie humana e a favor do nascimento da humanidade (MORIN, 2010, pg.65).

Cavalcanti, em seu livro *Os Símbolos do Centro*, ressalta a alienação do humano em relação a sua alma e ao fundamento sagrado do Self, como fatores geradores dos diversos tipos de medo, assim como de sentimentos de inferioridade e desamparo. Essa característica pode implicar na produção de mecanismos de defesa e de compensação contra esses sentimentos (CAVALCANTI, 2008, pg. XV). Serão esses os fatores psíquicos geradores dos complexos de superioridade e auto suficiência do ser humano? Será que o caminho da consciência é o caminho espiritual de vida?

Somente através de uma concepção espiritual da vida e da mudança profunda de valores é possível a transformação individual e social. De outro modo o homem está condenado a colher os frutos da sua própria ignorância, descrença, desesperança e desespero (CAVALCANTI, 2008, pg. XV).

Na perspectiva da consciência coletiva da humanidade, Jung propôs a idéia de “individuação da humanidade”, considerando o caráter individual e universal do Self. Esse processo de individuação coletivo se dá por meio do desenvolvimento e da diferenciação gradativos da consciência humana, através dos milênios (JAFFÉ, A., 1995). Assim também a concepção do espírito originário e do espírito consciente de Jung pode ser compreendida como uma leitura ecológica da dimensão espiritual humana, onde o autor propõe um coração que depende do mundo exterior, localizado no peito e um coração celeste, localizado entre os dois olhos, a morada do espírito originário.

Quando os homens se desprendem do corpo materno, o espírito originário mora na polegada quadrada (entre os dois olhos) e o espírito consciente abaixo, no coração. Este coração de carne, em baixo, tem a forma de um grande pêssego; ele é encoberto pelas asas do pulmão, sustentado pelo fígado e servido pelas vísceras. Este coração depende do mundo exterior. Quando não nos alimentamos, mesmo que só por um dia, ele sente desconforto. Ouvindo algo de assustador, palpita; se forem palavras que despertem a ira, se contrai; ao confrontar-se com a morte, se entristece e ao ver algo de bel, se ofusca. No caso, porém, do coração celeste, na cabeça, o que poderia perturbá-lo? Se

perguntares: Como poderia comover-se o verdadeiro pensamento, na polegada quadrada? Se isso ocorresse não seria bom. Quando as pessoas comuns morrem, ele se comove, mas isso não é bom. Evidentemente, é muito melhor que a luz já se tenha firmado num corpo espírito e que sua força vital penetre pouco a pouco os impulsos e movimentos. Mas este é um segredo silenciado a milênios (JUNG, C. 1998, PG. 100).

A Psicologia Sagrada propõe a vivência dos símbolos sagrados para a cura da separação psíquica. Essa separação pode ser compreendida em diferentes dimensões. A separação entre: consciente e inconsciente, ego e Self, individual e coletivo, material e espiritual, humano e planetário, sociedade e natureza. A religação proposta nas técnicas da Psicologia Sagrada buscam a conexão desses elos separados, para a construção de uma psique integrada e integradora.

O simbolismo da água, trabalhado pela alquimia, apresentado por Jung em seu livro *Psicologia e Religião*, pode oferecer um significado fundamental para a humanidade, na ampliação de sua consciência ambiental de preservação planetária. A água vista como *Prima Matéria*, o sangue do Planeta, a quinta essência, a “água eterna”, o princípio de tudo, sem a qual não há vida.

Por isso os filósofos ou “filhos da sabedoria” – como eles próprios se chamavam – achavam que a prima matéria era uma parte do caos primordial grávido do espírito. Por “espírito” eles entendiam o *pneuma* semimaterial, uma espécie de subtle body (corpo sutil) de matéria finíssima, que também chamavam de “volátil”, identificando-o quimicamente com óxidos e outros compostos separáveis. ... Eles tencionavam extrair o espírito divino primordial do caos: este extrato foi chamado de *quinta essência*, *aqua permanens*, *hydor theion*, *baphe* ou *tinctura* (JUNG, 2008, pg.106).

Jung apresenta ainda os ritos sagrados que utilizam a água como símbolo de renovação e renascimento.

O rito consiste, entre outras coisas, no descensus spiritus sancti in aquam (descida do espírito santo na água). Com isto, a água comum adquire a propriedade divina de transformar o homem e proporcionar-lhe o novo nascimento espiritual. Esta é, precisamente, a idéia que os alquimistas tinham da água divina, e não havia dificuldade alguma em derivar o *aqua permanens* do rito da *benedictio fontis*, se a “água eterna” não fosse de origem pagã, e sem dúvida, a mais antiga das duas (JUNG, 2008, pg. 107).

A formação do cidadão ambiental tem como princípio fundamental a reflexão ética e a construção de uma episteme complexa e conectada a referenciais éticos sagrados, originários do diálogo com o Self. A Psicologia Sagrada ressalta a conexão ego e Self, na perspectiva da essência do Ser sagrado, capaz de estabelecer uma relação ética consigo mesmo, com o outro e com a natureza. Trata-se aqui da auto ética, conectada com a sócio ética, com a antrope ética e com a holo ética, onde a relação se dá consigo mesmo, entre a espécie humana e com toda a Biosfera (PALAVIZINI, 2006).

Considerando a ética como mediadora da relação humana com o mundo, o resgate da dimensão transcendente da consciência e dos símbolos sagrados podem auxiliar na conexão com o centro, com o Self. Essa pode ser a dimensão do alcance da percepção psíquica e espiritual, para a perspectiva de uma relação respeitosa, harmoniosa e saudável entre as sociedades humanas e a Terra.

Por meio da vivência dos símbolos sagrados, o homem pode restaurar sua identidade anímica mais profunda e se religar ao Self, ao aspecto espiritual do Ser. E, desta maneira, perceber que a vida não é um amontoado de fatos que se sucedem sem significação e sem nenhuma conexão entre si, mas que possui uma inter-relação e um sentido espiritual profundo. Levar o indivíduo ao alcance desse nível de percepção resgata o significado maior da existência (CAVALCANTI, 2008, pg. 10).

O uso dos símbolos sagrados no processo terapêutico, por meio da mentalização, visualização, da imaginação ativa, ou mesmo da prática ritual, pode oferecer motivação e inspiração para o contato com o centro, com o Self, facilitando assim a reflexão ética, o diálogo ego & Self, o contato com a alma, com a dimensão espiritual, com o lugar sagrado de conexão e religação da psique, com o mundo interior e exterior, fortalecendo sua identidade individual, cultural, humana, planetária e universal.



O SAGRADO E A HUMANIZAÇÃO

A sacralização das relações é um desafio para o século XXI. Em meio aos avanços da ciência e da tecnologia e de todos os poderes que a sociedade humana parece conquistar, e em meio ainda à impotência diante da guerra, da fome, das doenças, da miséria humana e das alterações ambientais globais, onde está o sentido da existência? A humanidade vive então a busca de sentido nesse mar de desconexões, a busca do reencontro com o sagrado.

Essa falta de sentido e a dessacralização das relações humanas vêm gerando e sendo gerada pela mudança de percepção do humano do instante sobre a realidade, reproduzindo culturalmente esse novo estado de ser e perceber. A competição pela sobrevivência, o medo da escassez e da morte, definem a ética e a lei. Nesse contexto, toda a natureza foi sendo transformada em recursos naturais, para usufruto da sociedade humana e a ciência e a tecnologia marcam a referência dos limites nessa relação. A Biosfera e toda a natureza tornaram-se algo fora do ser, podendo ser manipulada e alterada para o interesse humano.

A visão da desconexão entre os sistemas que constituem os seres, que formam o Planeta e que se ligam ao Cosmo, trouxe uma perigosa forma de lidar com a natureza. As mutações genéticas e todas as alterações causadas pelos desequilíbrios ambientais provocados pelas sociedades humanas parecem não estar visualizadas no contexto de interdependência e implicações das conexões ecossistêmicas e biosféricas. Essa falta de visão sistêmica e complexa pode ser percebida tanto na dimensão global, como na dimensão local e na dimensão psíquica. É a cultura de desligamento e dessacralização que se retroalimenta nos sistemas que formam a cidadania do humano do instante, a cidadania comprometida com o atendimento das necessidades imediatas e pontuais, do interesse instantâneo, descontextualizado da visão civilizatória e planetária.

Esse panorama parece justificar a crise cultural que vive o humano do instante nesse início de século XXI. A busca do sentido do humano, os caminhos para a humanização. Na perspectiva de construir uma cidadania sagrada e sacralizadora, a consciência de

consagração do Ser e de suas relações, surge como ponto fundamental. O reconhecimento da pertinência do humano ao Planeta Terra e à sua condição de interdependência com a Biosfera e com o Cosmo, formam a base ética de soberania, comprometida com um processo civilizatório. A consciência do humano do instante, sobre suas relações com os elementos e seres da natureza, além das suas relações eminentemente humanas é o primeiro passo para a sua humanização e reencontro com o sagrado.

A construção de uma cidadania sacralizadora, valorizadora da diversidade de relações e correlações que ligam cada unidade ao todo, tem nesse reencontro o primeiro passo, levando o humano do instante ao reconhecimento de inter-ser e co-existir com o outro, tornando-se uno.

Aos nossos olhos, a questão ambiental que vive hoje o Planeta, em nível global e local, é antes de tudo uma questão civilizatória, de cidadania, de humanização. O reencontro com o sagrado aponta uma perspectiva na direção dessa humanização, buscando no humano um olhar complexo, amoroso, humilde, solidário, responsável, consciente e sacralizador. Um olhar ético.

Em pleno século XXI a humanidade está convidada a realizar a conexão do consciente com o inconsciente, iluminando a sombra e estabelecendo o diálogo ego e Self. A forma inconsciente de existência da humanidade vem resultando em uma forma autodestrutiva de viver, contra sua própria natureza, a Terra, geradora e nutridora de todos os seres, inclusive do humano. O fruto desse estilo inconsciente de viver vem se revelando sob forma de doenças auto-imunes, doenças mentais e dos freqüentes combates a vírus e bactérias ameaçadores, que se alastram nas diferentes dimensões do sofrimento humano.

James Hillman, buscando compreender esse fenômeno integrador do humano no mundo, aprofundou o conceito de “alma do mundo”. A humanidade compõe a alma planetária, que tende a se auto organizar, buscando seu equilíbrio, ainda que para isso sejam necessários sofrimentos. Enquanto a humanidade vive de forma inconsciente, sem compreender a sua condição humana de interdependência planetária, estabelece-se a deriva da “*anima mundi*”, da auto organização planetária, aguardando a expansão da consciência de humanização.

A formação do cidadão sacralizador, capaz de viver do diálogo entre o ego e o Self e a religião pessoal, agrega da Psicologia Analítica e da Psicologia Sagrada à perspectiva do humano transcendental, a serviço da sua alma e da alma do mundo.



AO ENCONTRO DA ALMA DO MUNDO

Resignificar a relação humana com a natureza é reencontrar uma relação sagrada de convivência e existência com o planeta Terra, é identificar os mitos e símbolos sagrados, fortalecendo-os no espírito originário e no espírito consciente, no mundo interior e exterior, buscando alcançar o processo de individuação da humanidade. A partir da consciência, a construção da auto educação, uma educação para a saúde e para a vida, de cada indivíduo, da humanidade e de todo o sistema planetário.

A Psicologia Analítica e a Psicologia Sagrada oferecem alguns caminhos profundos e complexos para a formação de uma humanidade consciente e respeitosa com a vida, com a natureza interior e exterior, com o Planeta Terra. Esse foi o universo de conhecimentos que percorreram este artigo, a partir dos quais permanecem algumas questões.

Um grande desafio se apresenta nessa jornada da alma em direção ao Self. Para que haja o diálogo ego & Self, preconizado por Jung, ambos precisam existir, em permanente relação. Como desenvolver o ego para o alcance da consciência sagrada e sacralizadora do Self? Não se trata de diluir ou anular o ego, mas de desenvolvê-lo para a transcendência, para a cooperação, para a convivência pacífica e saudável.

Na formação do cidadão ambiental a questão se apresenta no desafio de desenvolver o indivíduo, valorizando suas especificidades individuais e culturais, ao tempo em que se faz necessário o desenvolvimento da consciência da interconexão global, do reconhecimento da “irmandade” planetária, da unidade sagrada que liga todos os seres, que liga a humanidade e o Planeta. Esse é o processo de individuação de cada Ser e da humanidade, em conexão com a Alma do Mundo.

Esses desafios convidam pesquisadores e estudiosos para o desenvolvimento de abordagens filosóficas, teóricas e metodológicas, nos diversos campos da ciência e espiritualidade, encontrando caminhos para o Self coletivo (o Planeta Terra) e para o Self individual (a psique humana).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMSTRONG, Karen. Breve História do Mito. Tradução Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BATESON, Gregory. *Mente e natureza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- _____. *Una unidad sagrada*. Barcelona: Gedisa, 1993.
- _____. *Steps to an ecology of mind*. London: Jason Aronson, 1972.
- CAVALCANTI, Raissa. *O Caminho do Sagrado. O caminho sagrado: a psicologia moderna e a tradição iniciática*. São Paulo: Edições Rosari, 2004.
- CAVALCANTI, Raissa. *Os Símbolos do Centro: A Imagem do Self*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CAVALCANTI, R. *O Retorno do Sagrado: a Reconciliação entre Ciência e Espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- DAHLKE, Rüdiger. Qual é a Doença do Mundo? Os mitos modernos ameaçam o nosso futuro. São Paulo: Cultrix, 2011.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HABERMAS, Jüugen. *Teoria de La Accion Comunicativa*.
- HILLMAN, J. *O Pensamento do Coração e a Alma do Mundo*. Campinas, SP: Verus, 2010.
- HILLMAN, J. *Uma Busca Interior em Psicologia e Religião*. São Paulo: Ed. Paulus, 2004.
- JAFFÉ, Aniela. *O Mito do Significado na Obra de C. G. Jung*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.
- JUNG, C.G. *Psicologia e Alquimia*. Trad.: Maria Luiza Appy, Margaret Makray, Dora Mariana Ribeiro F. da Silva; revisão técnica Jette Bonaventure. 3ª Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- JUNG, C.G. *A Vida Simbólica*. Trad.: Araceli Elman, Edgar Orth; Ver. Literária: Lúcia Mathilde; Rev. Técnica: Jette Bonaventure. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. – (Obras Completas de C. G. Jung; v.18/2)
- JUNG, C. G. *Psicologia e Religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- JUNG, C. G., WILHELM, R. *O Segredo da Flor de Ouro: Um Livro de Vida Chinês*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1998.
- KORMONDY, E. J.; BROWN, D. E. *Ecologia Humana*. São Paulo: Atheneu Editora, 2002.
- LEI FEDERAL 9.795/ abril 1999 – Política Nacional de Educação Ambiental.
- MATURANA, Humberto. *El Sentido del Humano*. Santiago: Dolmen, s/d.
- MATURANA, Humberto.; NISIS, Rezepka S. *Formação Humana e Capacitação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *Autopoiésis and Cognition*. Dordrecht, Ho: D.Reidel, 1980.
- MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. *Formação Humana e Capacitação*. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora da Silva e Jeane Sawaya. São Paulo: Cortez, 2001.
- MORIN, Edgar. *Para onde vai o mundo?* Trad. De Francisco Morás. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. São Paulo: TRIOM, 1999.
- PALAVIZINI, Roseane. *Gestão Transdisciplinar do Ambiente: Uma Perspectiva aos Processos de Planejamento e Gestão Social no Brasil*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação de Engenharia Ambiental – UFSC, Florianópolis, 2006.
- PALAVIZINI, Roseane. *O Reencontro com o Sagrado em uma Perspectiva Ambiental*. TECBAHIA: Revista Baiana de Tecnologia, Camaçari, vol.20, n.1, jan./abr. 2005.
- SILVA, Daniel J. *Uma Abordagem Cognitiva ao Planejamento Estratégico*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação de Engenharia de Produção – UFSC, Florianópolis, 1998.